

POESIAS DO RIO PARANÁ: TRADIÇÕES LOCAIS E PRODUÇÃO DE SENTIDOS

José Adilçon Campigoto

Professor de Prática de Ensino em História III,
lotado no Departamento de História da UNIOESTE,
Campus de Marechal Cândido Rondon, (PR), doutor em história pela
Universidade Federal de Santa Catarina.

Estudo sobre poemas referentes ao Rio Paraná. Trata-se de compreendê-los a partir das tradições sobre os rios, as águas, a fronteira entre o Brasil e o Paraguai na parte que estende-se o estado do Paraná. Procura-se demonstrar a importância de conhecermos as histórias locais, pois representam um potencial inexplorado para a construção do conhecimento.

Palavras-chave: Tradição, Hermenêutica, História.

Poetries of the Paraná River: local traditions and production of senses. Study on referring poems to the River Paraná. It is treated to understand them from the traditions on the rivers, waters, the border between Brazil and Paraguay in the part that extends the state of the Paraná. It is looked to demonstrate the importance to know histories local therefore represent an unexplored potential for the construction of the knowledge.

Keywords: Tradition, Hermeneutic, History.

Um curso de águas não é um objeto simples e quem duvidar desta afirmação pode comprová-la facilmente, bastando para isso indagar a qualquer pessoa encontrada fortuitamente, o que é um rio¹. A resposta costuma ser: um rio é um rio; mas isto ocorre em meio a um surpreendente vacilo ou a um estranho desconcerto.

Este comportamento geral, no entanto, evidencia que o termo rio é um dado na nossa cultura, ou seja, para nós que pertencemos à tradição ocidental, rio é uma destas palavras, e são milhares delas, que utilizamos sem questionar-lhe o sentido. Ora, ninguém pode interrogar o significado de todas as palavras que utiliza. O termo rio, para nós, parece algo bem evidente; mas nem sempre foi assim. Para os indígenas, por exemplo, o próprio nome Paraná significava algo próximo a “grande quantidade de água” ou “água grande como o mar”. Da mesma forma, o nome do seu afluente, o Iguaçu, quer dizer grande água indicando que os povos indígenas tinham outras maneiras de significar o mundo aquático. Dizemos, então, que o rio da fronteira acontece dentro de antigas tradições sem as quais não poderíamos compreendê-lo porque há uma variedade de sentidos nos quais e pelos quais um curso de águas qualquer se torna compreensível.

Consideramos que o estudo destas tradições seja algo fundamental a fim de evitarmos tomar as coisas como dadas, ou seja, sob a forma de elementos a-históricos. A investigação dos significados, o reconhecimento do mundo da pré-compreensão torna evidente

¹ Esta investigação foi feita durante a pesquisa da qual resultou este artigo. Vinculou-se ao projeto Hermenêutica de fronteiras desenvolvido entre meados de 2001 e 2003, ligado à Pró-reitoria de Pós-graduação e Pesquisa da UNIOESTE como Projeto de Iniciação Científica. O objetivo era localizar e recolher materiais diversos a respeito do rio Paraná. No período de duração do projeto, entre os anos 2000 e 2002, fizemos uma listagem do material encontrado especificando a sua localização. O resultado do trabalho está disponível no Centro de Pesquisa e Estudos Latino Americanos (CEPEDAL), no campus da UNIOESTE de Marechal Cândido Rondon. A pesquisa foi realizada em cerca de dez municípios da Região Oeste e foram visitadas principalmente as bibliotecas municipais.

que os sentidos completam-se a partir das coisas pré-concebidas, mas tal procedimento não visa à construção de um “mapa” das formas pelas quais os sujeitos criam denotações e conotações para os objetos. Trata-se, primordialmente, de que eu, como intérprete, possa perceber-me e deixar evidente aos outros que as coisas ditas e escritas por mim dependem das tradições nas quais me movimento.

Tal posição teórico-metodológica, fundamentada nas reflexões de Gadamer², é adotada aqui para a análise das poesias do Paraná tendo em vista algumas tradições sobre o rio e a fronteira.

Na antiga tradição greco-romana costumava-se representá-los por meio da figura de anciãos, geralmente, recostados e seminus e que tais imagens eram elaboradas seguindo o padrão clássico da pintura e da escultura. Estátuas deste tipo foram esculpidas em Roma, no século XVII, para simular alguns dos “grande” rios da terra tais como o Prata, o Nilo, o Ganges e o Danúbio. Grandes rios eram assim representados, nem todos devido ao seu tamanho ou ao volume de suas águas, mas sim pelo efeito dos sentidos que lhes foram imputados e das coisas ditas, escritas, esculpidas e pintadas sobre eles.

O significado destas figuras de idosos pode, entre outras coisas, relacionar-se à idade dos cursos de águas que, comparada ao tempo de existência de um ser humano, é muito longa. O principal aspecto de que nos ocupamos, porém, consiste em que o uso de imagens para representar entidades e objetos é uma forma de linguagem, ou seja, de expressão dos sentidos.

² Ver Gadamer (1993). O autor parte do princípio filosófico heidggeriano de que os seres tornam-se compreensíveis na e pela linguagem e que, por este motivo, a compreensão ocorre sempre a partir de tradições. Desta forma, todo intérprete está envolto no mundo da linguagem o que aplicamos para o nosso trabalho de historiador modificando a concepção tradicional de fonte histórica. A fonte é o lugar no qual nos espelhamos porque, ao interpretá-la tornam-se evidentes as tradições em que nos movemos. Colocamos, então os sentidos dos termos em suspenso para investigar porque os compreendemos de uma determinada forma. E as tradições nas quais ele se dá vêm à tona.

O costume de associar o rio a um idoso era comum na Europa mediterrânea desde épocas muito remotas e, no Brasil, deve-se a presença dos povos oriundos do continente europeu. Durante o regime imperial, a corte brasileira mandou erigir um monumento a D. Pedro I.³ Trata-se de uma estátua do imperador montado a cavalo contendo quatro alegoria representando os quatro grandes rios do império. O rio Paraná foi representado sob a forma de um casal de indígenas, o que indica uma modificação estética na tradição porque a silhueta do idoso foi substituída pela imagem de um casal jovem e o rosto clássico, trocado por fisionomias indígenas. Evidentemente, estas imagens expressam conteúdos diferentes podendo indicar até mesmo oposição já que a velhice pode representar os momentos finais de uma vida ou a experiência e o saber acumulado. A imagem de um moço acompanhado de uma mulher jovem pode significar a promessa de uma nova existência. Digo promessa porque o Paraná não foi representado por meio da figura de uma criança o que implicaria o sentido do já existente, isto é, o casal poderá ter filhos, mas se a imagem fosse de criança acaba a expectativa de um novo ser, pois ele já existe espera-se tão somente o seu desenvolvimento. A estátua de uma criança ou de um jovem indígena poderia significar um rio surgido há pouco tempo. Assim, o rio apareceu como um casal jovem, esboçando a promessa e a expectativa de uma nova realidade, isto é, a era do império no Brasil.

A leitura deste dados a partir da proposta gadameirana resultou na percepção de que o costume de representar os rios por meio de estátuas pode nos parecer uma forma exótica de linguagem, um saber esquecido e perdido no tempo ou mesmo uma prática desprovida de utilidade num mundo globalizado e atravessado por incontáveis fluxos de informações. A pesquisa, o registro e as reflexões sobre estas tradições, no entanto, são de fundamental importância porque apesar de que seria raro, hoje, alguém representar os rios por

³ O monumento a D. Pedro I encontra-se, atualmente, na Praça XV de Novembro, no Rio de Janeiro.

meio de estátuas e de parecer que a tradição perdeu-se no tempo, basta abrir os livros de história ou geografia para encontrarmos enunciados do tipo: “... o rio Paraná estabelece os limite do município de Marechal Cândido Rondon com a República do Paraguai...” (Saatkamp, 1984:9)

Ora, sabemos que nenhum rio estabelece fronteira alguma e que se alguém o faz, são os seres humanos. Nós fazemos as fronteiras apesar do argumento de que certas espécies de animais delimitam seus territórios, pois talvez este seja apenas um artifício utilizado para justificar uma prática considerada como natural. Podemos igualmente pressupor que o costume de atribuir vida aos seres inanimados⁴ é comum em nossa cultura, especialmente no meio literário, e que a prática de conferir-lhes uma *anima* é conhecida como uso de figura de linguagem, no caso, a personificação. O uso da linguagem figurada é admissível, legítimo e difícil de ser evitado, mesmo assim, não é uma prática tranqüilamente aceitável em qualquer situação ou em todos os estilos de escrita. Se, por exemplo, encontrássemos escrito em um livro de história certos enunciados do tipo “o rio escreve a história do Oeste do Paraná”, “o rio Paraná fez a disputa pela linha da fronteira”, ou ainda, “o rio fala, pensa, e escreve tratados de limites”, certamente, julgaríamos que tais expressões estariam deslocadas. Diríamos que melhor seria colocá-las em algum texto de ficção ou de poesias.

O enunciado “o rio estabelece a fronteira”, no entanto, dificilmente provoca algum questionamento e nos parece tão comum quanto o próprio conceito de rio. Logicamente, faz sentido porque o verbo estabelecer significa tornar firme, dar estabilidade, fixar e tornar duradouro, mas disto não resulta que o rio, em si, torne as fronteiras estáveis uma vez que tal função não é delegada ou atribuída aos rios localizados fora das regiões de fronteiras. O São Francisco, por exemplo, não estabelece nenhuma fronteira entre países.

⁴ Dizer que o rio estabelece a fronteira é atribuir uma ação humana ao rio.

Talvez haja uma poética da fronteira, mas podemos dizer que a linguagem do rio que estabelece limites entre países é tranqüilamente aceitável dentro de uma tradição muito antiga na qual o rio era representado sob formas personificadas de anciãos, de indígenas e de casais. Por isso, a representação do rio Paraná sob a forma de um casal não deve ser considerada como arroubo da originalidade do escultor. Os egípcios e gregos associavam casais de divindades aos rios. Na Grécia antiga havia um conjunto de narrativas sobre Oceanos e Tétis os pais de todos os rios. O elemento masculino representava as águas superficiais e o feminino associava-se às profundezas aquáticas.

A estátua do Paraná podia ser compreendida sem dificuldades a partir da tradição greco-latina, assim como o enunciado sobre o rio criador de fronteiras; mas, também, seria compreensível enunciar que as montanhas, os marcos e as pedras fixam as fronteiras. Uma linguagem assim esdrúxula, sobre objeto inativos que, de repente, começam a agir deveria nos parecer estranha e incompreensível, mas é nela e por meio dela que se efetua o sentido da fronteira porque na tradição ocidental é comum personificar rios, pedras, marcos e montanhas. Até as pedras aplaudem, as montanhas, outrora, eram gigantes e as estacas possuíam seu lugar no *pantheón* dos sentidos. *Terminus*, o deus romano encarregado de zelara as fronteiras, era uma estaca de madeira contendo uma cabeça humana esculpida no topo. A ausência dos membros divinos significava a sua imobilidade, a fixidez que lhe era própria, a longa duração e a estabilidade imperial.

Compreende-se, então, a riqueza da linguagem na qual e pela qual o rio da fronteira acontece. Percebe-se a sua magnitude porque as tradições européias e indígenas associaram-se, neste campo, e um exemplo desta amálgama de narrativas e sentidos é que, em meados do século XX, a cachoeira das Sete Quedas foi comparada ao estreito de Gibraltar e relacionada às colunas de Hércules pelo etimólogo mineiro Antônio Joaquim de Macedo Soares.⁵ Num estudo sobre o

⁵ Ver Soares (1942).

nome da cidade de Guaíra, o autor propôs que o termo derivou de *qua y rã*, uma inscrição gravada, muito antigamente, nas pedras desta cachoeira. Escrito na língua guarani teria um significado semelhante ao *nec plus ultra*⁶, o nenhum passo a mais, inscrito, segundo a tradição greco-latina, nas Colunas de Hercules.

A associação entre as Colunas de Hércules e o Salto das Sete Quedas pode ser considerada como uma narrativa de constituição da fronteira porque a Lápide do Gibraltar significa, ainda para alguns intérpretes, a linha de limites entre o mundo conhecido e o ignoto. Era uma narrativa ligada a um lugar sendo aplicada sobre outro espaço e gerava a expectativa de que o herói da Hélade andou pelas terras do continente americano, sob a aparência indígena. A hipótese da peregrinação de Hércules nas terras americanas não tardou muito a acontecer porque, na década de 50, Peregrino Vidal⁷ considerou que o herói primitivo dos guaranis, pai Zumé,⁸ teria sido ninguém menos do que o filho predileto de Zeus. Como se vê, as tradições associavam-se num espaço sem fronteiras definido sobre as sete colunas de fumaça que, diz-se, o descobridor do Paraguai, Aleixo Garcia avistara na sua primeira passagem pela cachoeira do Paraná; das sete colunas, o nome da queda de águas: Sete Quedas.

O uso da imagem das colunas, igualmente, faz parte da tradição das regiões limítrofes, já que, na antiga cosmologia européia o planeta terra era uma espécie de disco sustentado por quatro grandes esteios.

⁶ Não vá a diante.

⁷ Ver Vidal (s/d).

⁸ A narrativa de pai Zumé vincula-se ao uso da erva-mate e ao caminho do Peabiru. Conforme o historiador paranaense Romário Martins, os indígenas narravam a história de um personagem que lhes ensinara a utilizar as folhas da *Ilex paraguaiensis* anteriormente considerada como venenosa. Os europeus associaram tal personagem ao apóstolo Tomé porque, segundo uma antiga tradição cristã, depois da morte de Cristo os apóstolos teriam partido para as terras distantes a fim de pregar a sua doutrina. Tomé teria vindo para a América e, a exemplo de Tiago que estabelecera o famoso caminho que leva seu nome no continente europeu, teria fundado o caminho do Peabiru, como dizem, uma velha trilha indígena que segundo os paranistas atravessava o Estado do Paraná no sentido Leste/Oeste.

Nos confins do pedaço de terra, como se sabe, encontrava o grande abismo. O rio Paraná podia ser relacionado às regiões abissais e, compreendido como uma das colunas de sustentação do Brasil. Segundo Curt Nimuendaju Unkel⁹, os guaranis também conheciam a figura dos sustentáculos terrestres. Para eles, tratava-se de duas estacas de madeira deitadas em forma de cruz e, por isso, alguns intérpretes cristãos viram, ali, a figura da cruz de Cristo sustentando as terras guaranílicas.

A tradição indígena é particularmente rica em relação ao rio e às suas cachoeiras. Em suas antigas narrativas destaca-se a figura da serpente, o primeiro animal que existiu e que nadava sobre as águas primordiais. O calor do sol fustigava-lhe o dorso fazendo com que soltasse a pele que originou a terra seca. A serpente é, pois uma figura genética, a mãe de todos os rios, no guarani, *Paranamaia*, também, criadora das cachoeiras de Sete Quedas e do Iguaçu. Segundo a tradição dos guaranis, a *Mboiaçu*¹⁰ raptou a filha do sol e fugiu pelo rio Paraná. No lugar das Sete Quedas, que ainda não existiam, foi alcançada pelo astro enfurecido que matou o raptor com uma bola de fogo. A cobra ficou, desde então, sepultada no fundo do rio e a neblina que aparecia naquela região era a prova do acontecimento. Trata-se de uma história sobre morte de uma “deidade” que, diferentemente da tradição cristã, poderá, um dia, ressuscitar.

Não se pode dizer que a grande cobra era um deus porque até o momento, alega-se que não foram encontradas evidências suficientes que confirmem a realização de cultos ofídicos entre os nossos indígenas, mas a mesma serpente, antes de ser morta, originou as quedas do Iguaçu atirando-se contra o leito do rio em represália a um guerreiro indígena que raptara sua noiva. Era uma figura de força na cultura guarani, porque, conforme se suspeita

⁹ Ver Unkel (1987).

¹⁰ Cobra grande.

que estes povos degredavam as jovens indesejavelmente grávidas numa ilha para que o ofídio julgasse sua conduta. Se, num tempo determinado, a donzela fosse devorada estavam dados o julgamento e a sentença.

As águas do “velho Paraná”, mesmo que represadas, em grande parte, pelo lago de Itaipu, ainda nos assombram por sua grandeza e pelo desconhecimento ou, talvez, pelo nosso descaso para com elas. O rio, no entanto, é também considerado como a linha da fronteira entre o Brasil e o Paraguai acrescentando-lhe um outro tanto de histórias e sentidos por ser um objeto dito e escrito de vários modos. É expressa como um traçado imaginário na periferia geográfica das nações, como estabelecimento jurídico que separa os povos ou, ainda, na forma de um ponto de junção entre nacionalidades.

Manuseando-se as poesias sobre o rio e a região Oeste uma das primeiras constatações é que, nas bibliotecas e acervos é muito maior o número de poemas dedicados ao rio Iguazu do que ao Paraná. A proporção deve ser, talvez, de oitenta por cento. Este dado, em si, já nos intrigou porque de acordo com as classificações geográficas, o Iguazu é um afluente do rio principal, Paraná. Logicamente, a poética diferencia-se da geografia e as ocupações dos “cantadores” dos rios são distintas daquelas classificações minuciosas realizadas pelos geógrafos. Todos podemos concordar e divagar sobre as especificidades dos conhecimentos e das linguagens, estabelecer a crítica e lamentar a fragmentação dos saberes, herança maléfica da pedagogia e do pensamento positivista, cientificista e metódico. Há, no entanto, algo perturbador no discurso sobre as águas, pois, normalmente, nem os geógrafos nem os poetas questionam-se a cerca da classificação maior, ou seja, da designação rio. De uma forma geral, estamos todos seguros de que um rio é um rio, não é um mar, não é um córrego ou uma quantidade de águas qualquer. É o termo que usamos para compreender o que se enuncia sobre os cursos de água. Diríamos que os poetas improvisam desprezando as hierarquias estabelecidas pelo saber geográfico, valorizando mais um afluente do que um rio principal. Dificilmente,

atentamos para o fato de que a divisão primeira, mar-rio-ribeirão-córrego-valo-sargeta, permanece intocada o que significa que a hierarquia de fundo continua inalterada.

Tal constatação nos fez pensar que a linguagem sistemática e científica e a poética, igualmente, abrangiam apenas uma parte do conjunto imenso de enunciados sobre o rio e a leitura de alguns textos sobre nações e fronteiras reforçava essa hipótese. Com efeito, a linguagem oral e as narrativas populares podem ser consideradas como um campo privilegiado para este tipo de investigação porque ali se escapa ao compromisso com o sistemático. Podemos descobrir outras formas de tratar a fronteira estudando tais narrativas e, mais ainda, elas constituem-se como oportunidades para nos percebermos na qualidade de sujeitos pertencentes à antiga tradição das linhas de fronteira. Considerávamos que a arte poética situava-se nas proximidades da oralidade e da linguagem cotidiana porque os padrões seguidos para a sua elaboração, em alguns casos, podem ser menos rígidos do que os utilizados no âmbito da linguagem científica, mas no fazer compreensivo até mesmo os poetas recorrem aos sentidos dados.

As poesias que recolhemos são textos escritos sobre a vida em torno do rio da fronteira e identificamos nelas alguns sub-temas como, por exemplo, o comércio, a burocracia, a religiosidade, o trabalho e a morte.

O poeta Luiz Carlos Salami em *Guaíra: última queda* associa o afogamento de um jovem e as antigas narrativas sobre as sereias. Trata-se da história de um rapaz que “... foi de encontro ao silêncio quase úmido que encobre as águas do rio Paraná”. Escreveu que “o rumorejar das águas deste rio tem um quê de canção, canção que muitas vezes/se transforma em tentação. Será que lá, bem no fundo do Paraná, na fenda d’alguma/rocha milenar, não estará oculta a uiara?” (Salami, 1976:11) A figura da uiara evidencia o pertencimento do autor a uma tradição porque a região Oeste do Paraná foi, antigamente, conhecida como *País das Uieras*, ou seja, das mães d’água, entidades associadas a algumas culturas indígenas sul-

americanas tais como a guarani. Eram donzelas que moravam no fundo das águas e, devido aos seus encantos, atraíam os homens para as profundezas aquáticas fazendo-os morrer afogados. Os antropólogos de tendência naturalistas¹¹ sustentaram que narrativas como esta não passavam de um recurso explicativo a que os indígenas e seus descendentes recorriam a fim de esclarecer as mortes das pessoas por afogamento. As uiaras, mesmo desprovidas do clássico rabo de peixe, foram associadas às sereias da tradição européia.

A junção destas duas figuras pode suscitar várias questões e me faço a seguinte: quem necessita de sereia quando pode afogar-se nos braços das uiaras? Salami apresentou uma pergunta bem mais sofisticada sobre a origem destes seres aquáticos. Inquiriu: “quem pode duvidar que as sereias dos mares gregos migraram para a terra das araucárias e da gralha azul?” Evidentemente, o sentido da migração destas criaturas é metafórico e da mesma ordem que a transposição das Colunas de Hércules para as Sete Quedas, mas, ao mesmo tempo, detectamos, aí, uma antiga tradição que versa sobre importação das idéias. Trata-se de um discurso, muitas vezes de cunho cientificista e denunciativo, pelo qual afirma-se que as elites brasileiras raramente foram originais e se dedicaram a copiar suas idéias daquelas criadas pelos povos do primeiro mundo¹². Suspeita-se que a prática de buscar ou mandar vir objetos e idéias de outros países seja uma herança dos períodos coloniais e, desta vez, nem os indígenas escaparam à crítica. Penso que há algo de verdade na denúncia, mas examinemos a

¹¹ Para os naturalistas os mitos eram personificações de objetos ou fenômenos naturais.

¹² Conforme José Murilo de Carvalho, por exemplo, “o fenômeno de buscar modelos externos é universal. Isso não significa, no entanto, que ele não possa ser útil para entender uma sociedade particular. Que idéias adotar, como adotá-las, que adaptações fazer, tudo isso pode ser revelador das forças políticas e dos valores que predominam na sociedade importadora... O império realizara uma engenhosa combinação de elementos importados.” O livro *A formação das almas*, do mesmo autor, é dedicado às idéias importadas para a consolidação da República no Brasil. Ver Carvalho (1990).

questão mais de perto já que as leituras contextualistas¹³ reduzem-se a situações pré-determinadas.

É apropriado aplicar a teoria e os conceitos da dependência¹⁴ no âmbito econômico assim como é possível estabelecer uma economia dos significados. Penso, todavia, que o mundo da linguagem pode ser visto através de um ângulo mais amplo do que o econômico porque a linguagem é o lugar no qual a própria economia vem à compreensão. Como os sentidos sempre se completam a partir das tradições, ou seja, do mundo das pré-compreensões que os sujeitos transportam consigo, os europeus que chegaram às Américas puderam compreender facilmente o que era uma uíara uma vez que pertenciam a uma tradição na qual existia a figura da sereia. É, portanto, na e pela linguagem que as mulheres-peixe “migram para a terra das araucárias e da gralha azul”.

A equivalência de significados entre os termos sereia e uíara é mais do que uma simples importação de idéias e uma tradição que os europeus trouxeram consigo, pois evidencia o nosso pertencimento a um conjunto de significados pré-estabelecidos. Se em nossos textos e exposições o termo sereia é mais utilizado do que uíara e se esta entidade que atormentou os marinheiros europeus ainda nos serve melhor para compreendermos as mães d'água, é porque conhecemos e divulgamos mais a tradição greco-latina. Se, do contrário, a nossa tradição fosse indígena talvez suspeitaríamos que as uíaras tivessem migrado para as águas do Mediterrâneo.

Haveria, no entanto, um argumento mais realista vinculado ao saber científico porque, devido à tradição na qual nos movemos,

¹³ Forma de interpretação de textos que recorre ao contexto de sua produção. É largamente utilizada no campo da escrita da História tanto que muitos historiadores sustentam ser impossível escrever história sem recorrer aos contextos. Baseio-me nas reflexões de Gadamer de que os contextos são inventados para que as interpretações adquiram sentido. Desta constatação retiro que é necessário incluir o mundo do intérprete para que a construção dos sentidos que fazemos apareça em toda a sua historicidade.

¹⁴ Sobre a teoria da dependência ver Cardoso & Faletto (1984).

certamente diríamos não ser plausível que as donzelas encantadas dos guaranis tenham habitado os mares gregos e romanos uma vez que estes povos são mais antigos que os indígenas. Desta forma, as ciências do tempo, dos ensinamentos e das origens imbricam-se para reforçar o argumento. De um lado, a história linear, evolucionista, de onde se retira o parâmetro de avaliação da antiguidade dos povos. De outro, a pedagogia tradicional enunciando que alguém transmite o conhecimento e outro assimila, sendo que, em geral, os mais jovens aprendem com os mais idosos. Por fim, recorreríamos a história genética das idéias, a partir da qual se deduz que os conceitos, as teorias e as representações originam-se num determinado espaço geográfico e dali, migram para outros lugares, ramificando-se e ampliando-se. Tal espaço, para nós, tem sido a Grécia, ou no mínimo, o velho continente.

O lastro científico oferecido pela junção destes saberes derrubaria a hipótese em favor da primazia das uíaras, estabelecendo um marco plausível entre a ficção e a realidade no ‘dilema’ sobre as entidades das águas, ou seja, do ponto de vista científico é menos problemático perguntar se as sereias migraram para as Américas. Isto nos permite constatar que Salami escreveu seu poema dentro das tradições cientificista e greco-romana. Possibilita, igualmente, um questionamento sobre as tradições nas quais nos movemos: Quem dentre nós, escrevendo textos científicos inverteria as histórias, uma vez que mesmo no campo lírico isto pareceria um atrevimento?

A poética, nesta perspectiva, não nos parece o espaço da pura criação, ou melhor, dizendo, a criação poética se dá, igualmente, a partir de tradições. Conjunto de sentidos pré-postos que identificamos a partir deste outro verso em que, conforme o poema de Salami, o jovem afogado “foi ao encontro do silêncio quase úmido que encobre as águas do rio Paraná/O rumorejar das águas deste rio tem um quê de canção, canção que muitas vezes se transforma em tentação...” (Salami, 1976:11).

Expressões não usuais como “silêncio quase úmido” provoca a impressão de serem rupturas nas tradições do rio, mas, convenhamos,

não é próprio considerar como um ato genial¹⁵ qualificar substantivos conhecidos tais como - silêncio - utilizando adjetivos do domínio comum, tipo – úmido. A vulgaridade da figura, todavia, não elimina a beleza do poema porque tratamos de evitar a estética do gênio¹⁶ quando nos propomos perceber as tradições nas quais as poesias ocorrem.

Salami contrapõe o silêncio ao rumorejar das águas do velho Paraná, pois era bastante comum representar a cachoeira das Sete Quedas como a quebra do silêncio destas águas. Referir-se ao som das águas era um artifício comum para representar os rios desde, pelo menos, a escrita da carta do capitão de granadeiros Cândido Xavier que, em meados do século XVIII, chefiou a expedição de descobrimento do *Igurei*, rio que deveria servir como marco entre as terras de Portugal e Espanha. Julgava-se que um curso de águas com este nome seria localizado há cerca de nove léguas abaixo da Sete Quedas, mas jamais houve um acordo sobre a sua existência. Xavier, no entanto, escreveu que o silêncio das águas do Paraná era quebrado por um sem fim de redemoinhos e bombas d'água que o rio fazia ao cruzar a serra de Maracaju.¹⁷

A quebra do silêncio das águas do Oeste é descrita e comentada em diversos textos que, por sua vez, articulam-se com tradições ainda mais antigas tais como o discurso do paraíso terrestre. Conforme esta narrativa de cunho eminentemente cristão, o lugar da origem da humanidade e de todos os grandes cursos de água do planeta localizava-se em um sítio tão alto que o barulho das águas que de lá

¹⁵ Genial no sentido da estética kantiana. Conforme a doutrina de Kant, considera-se que o ato criador acontece na ruptura das tradições. Para nós, a compreensão sempre acontece a partir de tradições inclusive os atos criadores.

¹⁶ A estética do gênio baseia-se no pensamento kantiano e baseia-se no pressuposto de que o belo se dá quando o gênio rompe com o que é comum, ou seja, o artista consegue criar algo novo rompendo com as tradições. Maiores detalhes, ver Gadamer (1993). O primeiro capítulo da obra é dedicado à reflexão estética.

¹⁷ A serra do Maracajú é uma cadeia de montanhas localizada na intersecção com o rio Paraná na altura onde localizava-se a cachoeira das Sete Quedas.

desciam fazia os habitantes das regiões próximas nascerem todos surdos.

O texto de Salami, mais comedido, contém a expressão “rumorejar das águas”. O termo rumorejar tem o sentido prosaico de sussurro continuado ou de fazer correr boato, pois o rumor é o som produzido por coisas que mudam de lugar, ou seja, trata-se de um ruído confuso. Evidentemente, as águas movimentam-se muito, as cascatas e os leitos de rios, menos. A sonoridade confusa ou caótica é o oposto da harmonia, um conceito clássico da música. Vê-se, portanto, o jogo dos contrários utilizado por Salami, pois o barulho tem um quê de canção.

A figura das oposições é bastante utilizada na tradição ocidental para representar, descrever e narrar as histórias dos rios. A história tradicional do Egito serve como ilustração. Comumente, afirma-se que o país dos faraós é uma dádiva do Nilo. Escreve-se e ensina-se nas escolas que a civilização egípcia somente foi possível graças ao regime das águas daquele rio que tornavam férteis as suas margens. Desta forma, o regime das águas do Nilo representam a luta da vida contra a morte, o grande jogo dos opostos.

O rio Paraná foi, também, representado como o lugar da morte. Conforme um texto de Manuel Rufino dos Santos,

“... na guerra do Paraguai, com os rios entupidos de cadáveres, ninguém ligava para providências simples como ferver água e lavar as mãos depois de se aliviar. Entrando nos estômagos os diabinhos microscópicos gastava somente três horas para se multiplicar. E ia matando milhares e milhares de coitados, fardados ou não... vibrião da cólera” (Santos, 1992:154).

Da mesma forma, a historiadora Venilda Saatkamp apresentou o rio, mais especificamente, um de seus saltos, o *Carapan*, como espaço do extermínio. Escreveu que “... era um salto de difícil transposição, tendo causado o afundamento de diversos chatas de erva mate, não deixando nenhum sobrevivente” (Saatkamp, 1976:29). A autora não citou provas documentais sobre estes trágicos acontecimentos, muito menos sobre os óbitos referidos e, no entanto, o rio aparece como uma entidade violenta e voraz. Assim, também, descreveu-o Arthur Franco, um agrimensor encarregado de medir

terras na região Oeste. Sobre uma de suas viagens pelo rio, ele escreveu que

“... do salto de Carapan para cima, até o porto de São João, a corrente do Paraná é mais violenta e agitada... os borbotões e redemoinhos que rebentam a superfície são de tal violência que se tem a impressão de navegar em mar agitado, pois a lancha é sacudida violentamente pela correnteza nos seus desordenados movimentos e os vagalhões vem rebentar contra o cortado da lancha” (Franco, 1973:56).

Embora a parte descrita por Arthur não expresse a morte, pode-se dizer que a sua exposição lembra os escritos de Danti Alighieri sobre os quatro rios do inferno, já que as águas do Fleguetontes, por exemplo, são ferventes.

Na tradição cristã, o inferno é a região dos mortos, portanto, na linguagem do rio de tantos óbitos, a região da fronteira é o lugar onde termina a existência. O sentido das regiões confinantes é uma tradição do Estado Moderno, pois, aqui, a fronteira é considerada como o lugar onde cessa a tranquilidade oferecida pela organização estatal. Este lugar era identificado como um rio, depois lago, figurado como um monstro que devora seres humanos e que, de certa forma, se auto destrói, como se depreende do poema *Sete quedas espelhando meu destino*, escrito por Pléas Robert Hawthorne.

Diferentemente do texto de Salami, escrito em 1975, o texto de Hawthorne foi elaborado no ano de 1996, após a inundação das Sete Quedas. É que foi construída uma barragem para represar as águas do rio e movimentar as turbinas da hidrelétrica de Itaipu. O fechamento das comportas da represa ocorreu em 1982 e, em cerca de trinta dias, o lugar onde se localizava a cachoeira estava totalmente encoberto pelo lago.

O poeta focalizou este dado e organizou seu texto a partir de duas figuras em evidência: a cachoeira encoberta pelas águas e uma pessoa que perdera a capacidade de mover as pernas (esta personagem é o autor o autor do texto). Acrescentou uma observação ao seu poema: trata-se de um “pensamento” ocorrido quando o autor viu pela primeira vez as Sete Quedas inundadas. Ali, ele vivera parte da adolescência correndo pelas pontes de cabo de aço

que possibilitavam a passagem dos visitantes para o outro lado dos canais ali existentes.

Aqueles estreitamentos do rio foram comparados ao corpo, pelo autor, seguindo a velha tradição greco-romana em que o rio é representado conforme o modelo dos corpos animais porque possuem membros. A partir deste esboço executou um jogo comparativo: “Sete braços de água, que as quedas formavam/duas magras pernas, que nas tuas pontes caminhavam”; “Sete canais, que em nome deste progresso inundara/duas pernas magras, que nunca mais a terra pisaram” (Hawthorne, s/d.:274).

O poema, de vinte e um versos, é inteiramente montado na forma de um *salterium* em que o segundo verso reflete e reforça o conteúdo do primeiro. No primeiro, encontram-se os sete braços, no segundo, as duas pernas. Pernas atrofiadas devido à paralisia; braços paralisados por causa da barragem. No conjunto, os versos fundamentam-se na contra-imagem de uma entidade monstruosa, se empregarmos esta palavra no sentido de natureza deformada.

As narrativas sobre monstruosidades, no ocidente, foram muito mais utilizadas em outras épocas e isto pode ser evidenciado por um estudo comparativo das produções literárias. É possível reconhecer um tipo de literatura especializada nestes assuntos e o livro de Alfredo D’Escragnolle Taunay, comentado por Mary Del Priore, *Monstros e monstregos do Brasil* é um exemplo riquíssimo de referência a esta forma de produção escrita. No texto da autora afirma-se que “... as imagens literárias por ele escolhidas, além de sobreviverem no interior de determinados sistemas de pensamento, sempre resumiram as tendências de certas correntes de idéias, estabelecendo a continuidade de uma tradição de mirabilia”.(Taunay, 1998:22).

Minha preocupação, neste artigo, com a imagem do monstro encontrada na poesia de Pléas, não se resume a detectar sua sobrevivência ou a continuidade das tradições, pois considero que a tradição é o todo no qual e pelo qual as partes - o objeto da compreensão - adquirem sentido. Isto quer dizer que se não houvesse um conjunto de sentidos pré-estabelecidos sobre pernas, braços,

números, corpos e animais deformados, jamais poderíamos compreender o poema de Hawthorne. Há, portanto, um conjunto de sentidos equiparando um trecho de rio e um membro do corpo humano, o abismo e a garganta, a foz e a boca, o som das águas e a voz humana, a morte do homem e a extinção do rio e, no referido poema, a paralisia do rio e do homem.

O corpo que representa o rio Paraná no poema de Hawthorne não segue o padrão das figuras clássicas que expressam um ideal da beleza por meio da simetria e das formas perfeitas, assim como era o caso das estátuas dos velhos e do casal indígena. Trata-se de uma forma imperfeita e nada simétrica; alguma entidade com sete braços e duas pernas. Um ser exótico facilmente associável a regiões terminais, a terras longínquas, à terra dos mortos, habitada por seres fantásticos como as uíaras.

As mulheres encantadas das águas sul-americanas, porém, não seriam, propriamente, deformidades da natureza, mas a partir da tradição naturalista e da cientificista, pode-se dizer que fazem parte de um mundo imaginário assim como a criatura de sete braços e duas pernas evocada no poema em questão.

O mundo dos corpos humanos monstruosos “tributários da literatura teratológica medieval” pode nos parecer esquisito, inútil, telúrico, e fora de uso, mas, inegavelmente, faz parte da nossa tradição, ou seja, chega até nós de alguma forma, pois do contrário, não poderíamos compreendê-lo. Trata-se de um espaço habitado por seres imaginados e imagináveis e conforme Taunay.

“... entre estes havia uns com quatro olhos e outros com um só, outros nem cabeça, tendo as feições da cara perto do peito, outros nem nariz, outros com beijo superior tão cumprido que lhes poderia cobrir o rosto, outros quase sem braço, outros ainda com os pés tão grandes que lhes serviam de barraca ao deitarem, outros mais ainda com pés de boi e não menos oito dedos em cada pé ou mão” (Taunay, 1998:175-177).

Um monstro com sete braços pode ser até mais bizarro do que outro, possuidor de oito dedos em cada mão ou pé, embora saibamos que o assombro do Paraná seja uma figura e que o poeta nem mesmo faça alguma hipótese sobre a existência de tal criatura. O

leitor informado ou aquele que conheceu o lugar sabe, imediatamente, tratar-se da cachoeira das Sete Quedas, quer pelo título da poesia de Hawthorne, *Sete Quedas espelhando meu destino*, quer pelo primeiro verso: “sete fortes braços de água que as quedas formavam”. Além disso, encontramos outras pistas a nos indicar que o texto refere-se a antiga cachoeira do rio Paraná, tais como: “...pernas que nas tuas pontes caminhavam”. Trata-se de um indício forte porque as margens formadas pelos canais dos saltos eram ligadas por meio de pontes suspensas para que os visitantes pudessem chegar ao outro lado e melhor apreciar as quedas d’água. O verso seguinte refere-se a olhos que “... pelos teus vapores sonhavam”. Como vimos antes, diz a tradição que o nome Sete Quedas, a denominação brasileira da cachoeira que também é e foi conhecida como *Salto del Guairá*, e *Cainendu*, deve-se a Cabeza de Vaca, governador do Paraguai, que ao chegar àquelas paragens teria avistado sete colunas de vapor sobre as quedas d’água. O quadro porém, vai tornando-se mais claro na medida em que a poesia desenvolve-se, com que esboçando uma paisagem guardada na memória pois se trata de “sete canais que em nome do progresso inundaram”. Indício particularmente forte, este, porque o poema foi escrito no ano de 1996 e a cachoeira foi inundada em 1987, afirma-se, em nome do progresso, já que um dos objetivos era a construção da hidrelétrica de Itaipu. Por fim, Hawthorne localiza geograficamente o leitor, com o seguinte verso: “Sete Quedas o orgulho dessa velha Guairá encantada”. O discurso de que o progresso da cidade de Guairá devia-se quase que exclusivamente à atividade turística propiciada pela existência da cachoeira foi particularmente forte no período de projeção e de construção da barragem, entre os finais da década de 60 e 70. A eminência do alagamento das quedas, das terras produtivas e dos lugarejos localizados às margens do rio gerou a mobilização das populações afetadas desencadeando o pagamento de indenizações aos atingidos e *royalts* aos poderes locais.

Devido a tantos indícios fica evidente ao leitor concluir que a entidade exótica é a cachoeira de Setes Quedas. Completará, facilmente, o sentido considerando que o esboço de criatura com

sete braços e duas pernas não reflete a realidade e que pertence ao mundo imaginário, a uma tradição dos tempos passados, a uma linguagem de sentido suspenso porque não espelha o real. Concluiríamos, então que a linguagem poética da fronteira é um instrumento eficaz para compreender e expressar o real e o imaginário do rio/fronteira.

O arremate, no entanto, seria diferente para alguém que desconhecesse todas estas tradições, os sentidos dos braços, das pernas, dos monstros, das mulheres, dos peixes, das migrações, dos heróis, dos rios, dos números, das colunas, dos deuses, das cobras, dos Estados, dos povos, dos corpos e dos números. Ora, o número de canais era muito maior do que sete e costumava-se dizer que quando o rio Paraná encontrava-se com a serra do Maracaju, dividia-se em um “sem número de canais” formando o Salto das Sete Quedas. A quantidade de canais variava conforme o volume das águas. Portanto, se o monstro de sete braços era fictício o número expressando a quantidade de canais era, igualmente, imaginário. Acrescentemos, ainda, que o nome da cachoeira, do mesmo modo, não representa exatamente o número das quedas d’água porque algumas fotos desta região tiradas por satélite durante a década de 90, permitiram identificar vinte e duas delas.

Talvez, nossa tradição cientificista provoque a tentação de expulsar a criatura deformada para o mundo imaginário e modificar o nome da cachoeira para Salto. Mas salto não é uma boa palavra porque água não salta. Talvez, Cachoeira das Vinte e Duas Quedas. Mas se Cachoeira origina-se de cacho é mais próprio das frutas e teríamos ainda de resolver a difícil questão se realmente a água cai. Para ser mais preciso, atualmente, o nome mais expressivo seria *Não Mais Vinte e Duas*.

A ironia sobre a nomeação da Sete Quedas não nos conduza a imaginar a impossibilidade da linguagem, mas a perceber que a incursão pelo mundo da pré-compreensão nos permite o reconhecimento do fazer compreensivo evidenciando o nosso pertencimento a determinadas tradições. Trata-se de uma atitude

filosófico-metodológica fundamental para todos nós que pretendemos evitar as armadilhas da linguagem, ou seja, driblar o fluxo dos sentidos que nos induz a afirmar coisas que desejaríamos não dizer ou preferiríamos expressar de outro modo. Além deste benefício maior, resta que tal método de pesquisa proporciona o conhecimento dos saberes locais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CARDOSO, F. H. & FALETTO, E. 1984. *Dependência e desenvolvimento na América Latina*. Rio de Janeiro, Zahar.
- CARVALHO, J. M. de 1990. *A formação das almas*. 9ª ed. São Paulo, Cia da Letras.
- FRANCO, A. M. 1973. *Recordações de viagens ao Alto Paraná*. Curitiba, Imprensa do UFP.
- GADAMER, H.-G. 1993. *Verdad y metodo*. 5ª ed. Salamanca, Sígueme.
- HAWTHORNE, P. R. s/d. *Faminto de afeição*. Maringá, Bertoni.
- SAATKAMP, V. 1984. *Desafios, lutas e conquistas: História de Marechal Cândido Rondon*. Cascavel, Assoeste.
- SALAMI, L. C. 1976. *Guairá a última queda*. Toledo, Grafo-Set.
- SANTOS, J. R. dos. 1992. *História, histórias : Brasil império e república*. São Paulo, FTD.
- SOARES, A. J. de. 1942. Estudos lexicográficos do dialeto brasileiro. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, Rio de Janeiro, 177.
- UNKEL, C. Nimuendaju. 1987. *As lendas da criação do mundo com fundamentos da religião dos apococua-guarani*. São Paulo, Hucitec.
- VIDAL, P. s/d. A América pré-histórica e Hércules escumados da filologia sumérica. In DONATO, Hernani. *Dicionário de Mitologia*. São Paulo, Cultrix.